26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 3 – Mediação, circulação e apropriação da informação

É O CHÃO QUE ESCREVE: OS FÃS NA CONSTRUÇÃO DOS ENREDOS DE CARNAVAL

IT'S THE GROUND THAT SPEAKS: *FANS IN THE CREATION OF CARNIVAL THEMES*

Lucas Mizumoto - Universidade Federal Fluminense (UFF)
Sara Poubel - Universidade Federal Fluminense (UFF)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Objetiva compreender o papel dos fãs na construção do enredo de carnaval e como esse processo colaborativo faz parte do processo de construção de identidade dos sujeitos sociais, tendo o conceito de cultura participativa como fio condutor. Partimos do entendimento do enredo não apenas como texto orientador do desfile, mas como documento — no sentido proposto por Buckland (1991), isto é, como algo capaz de informar. A metodologia se baseou na revisão de literatura de autores como Frohmann (2004, 2006), Mussa e Simas (2024), Simas (2019), Simas e Fabato (2015) Fiske (1992) e Jenkins (2009). Os resultados demonstram que os fãs e participantes do carnaval se sentem integrados à agremiação e ao enredo a partir das práticas sociais envolvidas em espaços como a quadra, a rua e o barracão. Conclui-se que a potência afetiva e colaborativa dos fãs é parte essencial do enredo, cujo impacto direto contribui para a circulação de uma memória social vinculada à agremiação.
Palavras-chave: cultura participativa; carnaval; fãs; neodocumentação.

Abstract: The research aims to understand the role of fans in shaping the carnival narrative and how this collaborative process is part of the identity-building process of social actors, using the concept of participatory culture as a guiding principle. The methodology was based on a literature review of authors such as Frohmann (2004, 2006), Mussa and Simas (2024), Simas (2019), Simas and Fabato (2015), Fiske (1992), and Jenkins (2009). The results demonstrate that carnival fans and participants feel integrated into the samba school and its theme through the social practices that take place in spaces such as the practice yard, the street, and the workshop. It is concluded that the emotional and collaborative power of the fans is an essential part of the theme, whose direct impact contributes to the circulation of a social memory linked to the samba school.
Keywords: participatory culture; Carnival; fans; neodocumentation.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho entende a construção dos enredos das escolas de samba como artefatos culturais que articulam, registram e desenvolvem conhecimentos. A partir de uma perspectiva neodocumentalista, ele é inserido no campo da Ciência da Informação, já que entendemos o enredo não apenas como texto orientador do desfile, mas como documento — no sentido proposto por Buckland (1991), isto é, como algo capaz de informar.

Partindo desse pressuposto, argumentamos que esta produção se dá necessariamente a partir de uma lógica coletiva. Embora tenhamos figuras em posições estratégicas de comando – carnavalesco, diretores e presidentes das agremiações –, a produção do enredo passa por centenas de agentes que atuam nos barracões, quadras e ruas.

Com base nesse argumento, levantamos o seguinte problema de pesquisa: como a participação da comunidade impacta na construção documental do enredo[1] e, consequentemente, seu engajamento nessa produção é fundamental para a socialização de saberes propostos a partir do tema desenvolvido para o desfile?

Para desenvolvermos a discussão, propomos uma análise das comunidades carnavalescas, isto é, figuras que frequentam as agremiações ao longo do ano e participam dos desfiles como componentes e/ou na produção material do desfile como personagens dotados de agência no desenvolvimento intelectual do desfile.

Esses foliões atuariam então como fãs que, no processo de construção coletiva, constroem os desfiles impulsionados pela relação de afeto e dedicação às suas agremiações. No seio da discussão apresentada neste breve trabalho, optamos por não realizar distinção entre espectadores e pessoas que desfilam com a escola consideramos todos os sujeitos como fãs da agremiação, estejam eles nas ruas, nos barracões ou na avenida.

Com uma abordagem qualitativa, descritiva e interpretativa, partimos de uma proposta transdisciplinar buscando autores que representam escolas de pensamento e vasta produção em seus campos de pesquisa a fim de trabalhar com a literatura já analisada, avaliada e validada pelos pares, procurando minimizar equívocos conceituais.

Nossa revisão de literatura se dá dentro de três categorias principais: a) **Neodocumentação** com base, sobretudo nos estudos de Frohmann (2004; 2006) e sua

[1] Entendemos a construção documental do enredo a partir dos diversos produtos elaborados - fantasias, adereços, alegorias, samba-enredo - e também das práticas artísticas e corporeas da avenida - canto, dança e coreografia.

argumentação acerca do papel de instituições enquanto espaço de legitimação discursiva dos documentos; b) **Enredo de escola de samba**, como base em Mussa e Simas (2024), Simas (2019), Simas e Fabato (2015) e; c) **Estudos de fãs**, a partir dos estudos de Fiske (1992) e Jenkins (2009).

A partir desse quadro teórico, propomos uma reflexão acerca da importância dos enredos tanto para suas comunidades e do seu potencial informacional durante o processo de produção e suas implicações posteriores. Aliando a revisão de literatura com a análise do corpus de entrevistas, esse trabalho busca evidenciar os aspectos que qualificam o enredo como um produto artístico-intelectual fruto dessa produção coletiva.

Por fim destacamos que o recorte de análise está centrado no enredo de 2025 da agremiação Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Viradouro (GRES Viradouro) situada em Niterói, Rio de Janeiro. A escolha se dá em função de trabalhos prévios de um dos autores que utilizou esse enredo como laboratório empírico, sobretudo na produção de sua dissertação já defendida e em processo de ajustes finais para produção no repositório da instituição na qual concluiu o mestrado em Ciência da Informação.

Em última instância, o trabalho se propõe a entender como essa participação dos indivíduos enquanto fãs colaboram para que os enredos fortaleçam a construção identitária desses espaços e ajudam a difundir a memória social dos atores envolvidos no seu processo de construção.

2 ENREDO E SUA CONSTRUÇÃO

No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, o termo enredo é definido como o "conjunto de acontecimentos que constituem a ação de uma narrativa; trama" (Houaiss, 2009, p. 1251). Tal definição situa o enredo no campo da organização lógica e sequencial de fatos que estruturam uma história, atribuindo-lhe a função de fio condutor narrativo responsável por conferir sentido e coerência a uma determinada ação representada.

Conforme apresentado no Manual do Julgador da Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA), o enredo de uma escola de samba é "[...] conteúdo da narrativa construída sobre um tema, um conceito ou uma história que é apresentada de forma sequencial, por meio de representações iconográficas como elementos cenográficos (alegorias e adereços) e figurinos (fantasias)" (Liesa, 2025b, p. 57).

Ao analisarem a construção dos sambas-enredo, Luiz Antônio Simas e Alberto Mussa (2024) destacam ainda que o enredo apresenta duas acepções, uma teórica e uma plástica. A

primeira concepção lidaria com o tema geral proposto em forma abstrata. Já a segunda acepção estaria ligada ao recorte narrativo proposto pela agremiação representado nas alegorias, adereços e fantasias.

A acepção plástica seria o enfoque de julgamento do quesito enredo, ou seja, como a escola apresenta seu recorte de um determinado tema no desfile. E a abstrata é o que conduz a pesquisa da equipe responsável pelo Carnaval para delimitar o recorte que conduzirá a criação dos elementos que serão avaliados. Essa conceituação de enredo é corroborada por Luiz Antônio Simas e Fábio Fabato (2015) que enfatizam o desenvolvimento dos enredos a partir da combinação de sinopse escrita, fantasias, adereços e música.

Em adição aos aspectos conceituais, é necessário frisar que, para que um enredo "aconteça[2]" na avenida[3], é necessário engajamento da comunidade. Esse engajamento se constitui tanto no senso de pertencimento dos indivíduos com a agremiação quanto na linha de frente na produção do Carnaval nos barracões. A primeira frente é fomentada ao longo do ano no processo de construção do enredo e demais atividades realizadas nas quadras. Ensaios, disputas de sambas, festas, feijoadas e tantos outros eventos. Essas atividades são fundamentais para que a comunidade se envolva com o tema a fim de fortalecer a noção de pertencimento e engajamento para o desfile.

Entendemos assim que, nas escolas de samba, o enredo não pode ser compreendido apenas como a concepção intelectual de uma narrativa previamente formulada por figuras centrais da estrutura institucional — como carnavalescos, coreógrafos da comissão de frente ou, mais recentemente, enredistas vinculados ao campo acadêmico. Ainda que esses agentes ocupem posições de legitimidade simbólica e autoria formal, o enredo, enquanto documento e registro de produção de conhecimento, não se materializa exclusivamente nessa instância de concepção. Ao contrário, ele se constrói ao longo de um processo coletivo, contínuo e profundamente enraizado nas práticas do povo negro periférico que sustenta material e simbolicamente o desfile.

O enredo, portanto, é uma forma de produção documental atravessada por uma lógica de saberes decoloniais (Mizumoto; Pret, 2026) ainda que não plena segundo a perspectiva de

[2] Essa expressão é utilizada por foliões e entusiastas do Carnaval, conforme aponta Luiz Antônio Simas (2019).

[3] Neste trabalho, utiliza-se o termo "avenida" para designar o espaço de apresentação pública dos desfiles das escolas de samba, isto é, o percurso no qual as agremiações materializam seus enredos por meio da articulação entre samba, corpo, fantasia, alegoria, ritmo e performance. No caso do Grupo Especial do Rio de Janeiro, essa referência remete, sobretudo, à Marquês de Sapucaí/Sambódromo.

Mignolo (2008). A produção dos enredos não é apenas estética: ela é política, social e epistêmica.

Deslocando o sentido do enredo de uma "trama" abstrata para uma trama social, estética e política, é possível concebê-lo como, documento, um registro material, elaborado não apenas no plano discursivo, mas sobretudo na materialidade que se expressa no desfile. O enredo se realiza na construção dos carros alegóricos, na confecção das fantasias, das alegorias e dos adereços, no trabalho cotidiano dos barracões e das fábricas, nos ensaios das alas, na composição do samba-enredo, na pulsação da bateria, na evolução coreográfica dos mestres-sala e portas-bandeiras, das baianas e das passistas. Esses elementos não operam como simples ilustrações de uma ideia central, mas como partes constitutivas da narrativa, produzindo sentido, memória e conhecimento por meio do corpo, do ritmo, do fazer manual e da experiência coletiva.

Toda a cadeia de produção artístico-intelectual citada acima passa então por um processo que sofre influência direta dos sujeitos que os produzem corroborando a importância dos espaços e sujeitos envolvidos na produção dos documentos e informações. Nesse contexto, a escola de samba passa a ter um peso de instituição legitimadora do seu discurso (Frohmann, 2004) e de local de memória (Nora, 1993). Isso porque, conforme aponta Frohmann (2004, 2006), o documento nessa perspectiva é construído com base em operações com a linguagem e estabelecendo relações de poder e disputas dele.

3 CULTURA PARTICIPATIVA

A escola de samba é estruturada ao redor dos seus componentes, sujeitos empenhados no fazer da rotina do barracão, quadra e rua. São estas pessoas que costuram as fantasias, se encontram periodicamente para ensaiar o samba enredo, montam os adereços e carros alegóricos, enfim, se dedicam e se empenham para fazer o desfile acontecer.

As práticas desenvolvidas pelos componentes de uma escola, se caracterizam pelos conceitos de cultura participativa e cultura da convergência, termos cunhados por Jenkins (2009). O termo cultura participativa foi usado, a princípio, para designar a produção cultural e interação entre fãs em rede e de outras maneiras de consumo midiático nos meios digitais (Jenkins, 2009). Mais tarde, o termo passou a ser usado para falar da produção e distribuição de conteúdos de maneira colaborativa feitos por comunidades de fãs. O termo cultura participativa

designa as práticas coletivas das comunidades de fãs, que através dos meios digitais, criam e compartilham conteúdos sobre os assuntos de seus interesses.

A cultura participativa é parte de uma inteligência coletiva[4] que, a partir da contribuição de cada indivíduo, cria um acervo em rede. Ela é entendida e definida como uma cultura com quase nenhuma barreira entre expressão artística e engajamento civil; que apoia a criação e compartilhamento com outros; em que ocorre uma certa forma de mentoria, onde o que é aprendido é passado para os mais jovens; onde os membros acreditam que suas contribuições importam e onde esses membros sentem uma conexão social com os outros membros (Jenkins, 2009). A convergência ocorre no cotidiano da comunidade, promovendo assim novas interpretações para os temas abordados pela agremiação, organizando encontros entre os componentes e permitindo a troca de experiências e conhecimento.

O que é criado e discutido no barracão da escola e na avenida, é transportado para a realidade. Os temas abordados viram tópico de conversa, as fantasias se tornam objeto de análise, os carros alegóricos, motivo de encanto. Isso denota a força e a habilidade da escola de samba em transformar o enredo em conversa, entre os membros da comunidade e fora dos limites do barracão, criando um vínculo forte entre a Escola e a comunidade que a cerca.

Aqui, uma distinção se faz necessária, a entre o consumidor de uma mídia/conteúdo e um fã. As características que distinguem esses dois sujeitos são a afetividade e a exibição de comportamento colaborativo (Carneiro, 2023). Afetividade porque o fã é movido pelo afeto, assim, o que faz o componente da escola acordar cedo e comparecer aos eventos na quadra ou sair do trabalho e participar dos ensaios, é o amor que ele sente pela escola.

Comportamento colaborativo porque essa é uma das marcas da cultura participativa: a construção colaborativa de algo.

> Raramente um fã anda sozinho, pois a cultura de fandom[5] é participativa, colaborativa e coletiva, com patrocínio fundamental do amor das fãs e da necessidade humana de coletivização, que sobrevive principalmente das trocas simbólicas e da constante renovação de nuances individuais da diversidade das pessoas que a adentram (Carneiro, 2023, p. 30).

[4] Inteligência coletiva é a ideia de que o conhecimento é dividido por todos, não pertencente a uma categoria de indivíduos e que surge a partir da interação entre os membros de um grupo. Ver mais em: LÉVY, Pierre. Inteligencia colectiva: por una antropología del ciberespacio. Washington, DC.: Organización Panamericana de la Salud, 2004.

[5] Comunidade de fãs.

Dessa forma, entendemos o componente da escola de samba como um fã por definição, ou seja, aquele "que se mostra demasiadamente entusiasmado, apaixonado, tomado por devoção cega a uma causa (política, religiosa etc.) ou pessoa" (Fã, 2024). O componente da escola é, então, um fã da comunidade, da escola de samba, do carnaval e das experiências que são geradas e compartilhadas neste contexto.

4 APROPRIAÇÃO DE SENTIDO

Os fãs se organizam em comunidades conhecidas como *fandoms,* que nada mais são do que espaços, geralmente virtuais, onde ocorrem discussões, trocas de experiência e práticas culturais. A literatura é bastante extensa no que diz respeito às práticas de fãs, tendo em Fiske (1992) um grande expoente. Tido como um autor clássico no campo dos Estudos de Fãs, ele descreve três formas de produtividade realizadas no espaço dos *fandoms* que nos permitem melhor compreender a lógica dos fãs e, consequentemente, dos fãs de escolas de samba.

A produtividade semiótica é a que mais nos interessa neste estudo. Ela diz respeito à "atribuição de significados para os produtos de mídia e com a apropriação deles para a construção da identidade" (Oliveira, 2015, p. 55). A produtividade semiótica então está ligada à extração de significado e sentido a partir do consumo de um produto cultural primário. Esse processo é individual e subjetivo, sendo permeado pela realidade e pano de fundo cultural dos sujeitos. Posteriormente, esse processo culmina na construção de identidade do sujeito.

A produtividade enunciativa ocorre quando a produtividade semiótica se manifesta através da linguagem, seja ela verbal ou não. Após o consumo de um bem ou produto cultura e sua consequente extração de sentido, o sujeito manifesta sua compreensão através da produtividade enunciativa. Ela pode ocorrer no formato de comentários virtuais sobre o desfile da escola ou em conversas no transporte público. O ponto importante aqui é que a produtividade enunciativa denota exposição, conversa e troca entre indivíduos. Ela pode se manifestar não apenas no discurso verbal, mas também no comportamento, nas roupas, no cabelo e maquiagem, nas gírias, expressões, e práticas específicas, ou seja, através de todos os recursos que imprimam uma identidade social.

A última forma de produtividade elencada por Fiske (1992), é a produtividade textual, que ocorre através da produção textual e literária dos fãs. É comum que essa produtividade

ocorra através da escrita de *fanfictions*[6], porém afirmamos que ela pode ocorrer através de outras produções. Resenhas, colunas, textos de opinião, livros sobre certa temática, artigos, teses, dissertações, tudo isso pode ser considerado fruto da produtividade textual, se originada de um objeto de afeto dos fãs.

O samba, juntamente com os desfiles das escolas de samba, é considerado Patrimônio Cultural Imaterial, uma vez que são resultados das vivências de uma comunidade (Silva, 2022). Os bens culturais de natureza imaterial se manifestam de diversas formas, como celebrações, saberes, expressões artísticas, dentre outros. Esses bens culturais se fazem presentes no cotidiano da sociedade e referenciam a memória e identidade nacionais.

> A relevância histórica atribuída a esses bens, contribui para formar as identidades dos grupos sociais, pois ao preservar uma memória coletiva ou individual daquilo que os simboliza, o sentimento de pertencimento e a importância do papel desempenhado pelos sujeitos nas manifestações, permite a valorização e reconhecimento da relevância daquela tradição para a representação da cultura (Silva, 2022, p. 14-15).

Podemos dizer então que o "patrimônio, seja material ou imaterial, é o reflexo da identidade de um povo" (Bertagnolli, 2015, p. 53) e, portanto, os desfiles de escola de samba representam a sociedade brasileira até certo ponto.

Com base nos elementos descritos ao longo do texto, faremos uma breve exposição do enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos dos Viradouro (GRES Viradouro) para o carnaval de 2025.

Aliando uma pesquisa documental com a pesquisa de campo nos terreiros de Jurema em Pernambuco, a equipe de produção do enredo da Viradouro busca resgatar a figura de Malunguinho, um líder quilombola do Quilombo do Catucá, como um personagem da construção nacional e símbolo de resistência.

Nessa perspectiva, o enredo pode ser compreendido como um registro de conhecimento, um instrumento de resistência à colonialidade do ser e do saber. Ao apresentar a história de João Batista, Reis Malunguinho, a Viradouro e sua comunidade, por meio da performance no desfile, produzem diversos conhecimentos sobre o Quilombo do Catucá.

Essa posição de resgate é encarada como missão pela agremiação ao colocar textualmente no Livro Abre-Alas que "a Unidos do Viradouro continua a perseguir a missão de

[6] Narrativas ficcionais escritas por fãs.

trazer uma interpretação artística popular dos cultos, crenças e sagas de um Brasil pulsante em suas entranhas."

Ressaltamos, no entanto, que para essa missão ser cumprida, é necessária a materialização no desfile. É a construção do "enredo na concepção plásticas" que Mussa e Simas (2024) apontam que permite a transmissão de conhecimento acerca do tema. Sem o desfile na Sapucaí, a construção narrativa, sonora e performática não se concretiza. Esse destaque é fundamental para salientarmos a importância coletiva no processo de desenvolvimento do enredo. No carnaval é comum a expressão "o chão comprou a ideia" dizer que o engajamento da comunidade aconteceu e o desfile foi bom.

Estabelecemos previamente que a extração de sentido pode ocorrer mediante o contato com bens e produtos culturais, processo que culmina no desenvolvimento da identidade social do sujeito (Poubel; Juvêncio, 2025). Por isso, acreditamos que há sim um fator de identificação para a coletividade se manifestar, mas não podemos cair na armadilha de romantizar as situações precárias que envolvem esse laço afetivo. Ações que visem uma estrutura mais digna dos componentes e operários dos barracões são fundamentais. A Viradouro é uma agremiação comumente elogiada nesse aspecto por disponibilizar condições mais dignas de participação aos seus integrantes tanto no âmbito material quanto colaborativo.

Conforme apurado em entrevista da Agência Brasil com Tarcisio Zanon e Alessandra Reis – diretora do ateliê da agremiação no desfile analisado –, as posições de liderança da agremiação buscam uma escuta ativa dos anseios da comunidade.

> O enredo foi bem recebido pelos componentes da Viradouro, que têm se empolgado com as histórias contadas pela escola. "Isso também é uma forma de se pensar a escola. Todo ano, quando termina o carnaval, recebemos uma série de mensagens do que o público e a escola querem. Você já começa a saber qual é o clima do que eles estão esperando. Faço essa avaliação e já se sabe se é por um caminho mais místico ou mais histórico." É a partir dessa análise que o enredo é definido. "A escola precisa estar preparada para vestir aquele personagem daquele ano. Eles serão os artistas que vão encenar aquele papel na avenida. Se eles não se sentirem confortáveis ou defendendo aquela ideia, eles não vão sair bem nesse papel", completou Alessandra.

É inegável que essas atitudes constituem um avanço nas condições de uma participação mais digna. Destacamos inclusive que a escuta ativa da comunidade favorece o potencial pedagógico que o desenvolvimento do enredo tem. Uma vez que os componentes engajam na construção do enredo e se aprofundam na temática, o conhecimento é transmitido.

Durante o Carnaval 2025, o site Carnavalesco publicou duas matérias focadas nos componentes que desfilaram pela vermelho e branco de Niterói. Embora as temáticas dos textos sejam distintas, acreditamos que há uma convergência no que diz respeito ao sentimento de pertencimento e a importância desse sentimento para o desenvolvimento do enredo.

Na matéria intitulada “A força de Malunguinho: Comunidade da Viradouro exalta o enredo que reivindica as raízes quilombolas e indígenas” escrita por Guibsom Romão (2025), o autor entrevistou componentes a fim de saber a opinião deles sobre o enredo. Ao todo foram entrevistadas quatro mulheres de diferentes alas. Em comum nas entrevistas se destaca o desconhecimento sobre a figura de Malunguinho antes do contato com o enredo e o reconhecimento em trazer essa história para um público maior. Dentre as falas das entrevistadas, passagens como “Muitas coisas interessantes que vão ficando para trás, por conta da vontade que algumas pessoas têm de apagar a trajetória de pessoas pobres e, se não é um evento como esse, a gente nunca toma conhecimento” dita por Solange Amaral, aposentada e componente da Ala 9 “Cipó de Japecanga”, e “[...] iremos com a força dos reis Malunguinho, falando de uma história nordestina, que não deixaremos apagar. A minha fantasia fala dos indígenas, se chama “Folha do Catucá”, que era uma planta curativa que os indígenas cultivavam” dita por Vani do Nascimento, empregada doméstica e componente da Ala 5 “Folha do Catucá” resumem a importância que o tema abordado no enredo ganha ao ter o reconhecimento abraçado pelos componentes. A fala denota também uma identificação com o tema abordado, além da reflexão acerca das condições sociais dos sujeitos.

Já a matéria “O coração pulsante da Viradouro: A comunidade que move o Carnaval” escrita por Gabriel Radicetti (2025) perguntou aos componentes na concentração para o desfile a importância da Viradouro em suas vidas. A noção de pertencimento, de espaço comunitário e, principalmente, do autorreconhecimento dos componentes para a qualidade do desfile são elementos que se destacam nas respostas dos entrevistados. A resposta de Kauã, um trabalhador autônomo e estreante na Viradouro, é uma síntese dessa percepção.

> Todo domingo estávamos na Amaral Peixoto fazendo um ensaio perfeito, mostrando a força da Viradouro. A presença da comunidade, a presença que nós sentimos durante os ensaios, é algo muito bom. [...] Antes de preparar um carnaval, preparar o desfile, precisa preparar a comunidade. Sem a comunidade não tem desfile. A comunidade é uma peça muito importante. O canto da comunidade é aquilo que move o público

Os demais entrevistados da matéria destacam essa importância da agremiação e da coletividade em falas como “Todo ano é como se fosse meu primeiro na Viradouro [...] A emoção é muito forte. Essa escola é tudo para mim. Amo a Viradouro.” de Jorginho da Viradouro, fotógrafo e componente da agremiação há 33 anos. Já Mirella, estudante que desfila pela Viradouro há 3 anos, destaca que “É importante frequentar a escola para ir criando aquele laço e saber o que está se passando. Para começar a entender o samba, o que você está cantando. Não só falar da boca para fora”.

Podemos perceber a extração e apropriação de sentido que os componentes realizam, além da noção de pertencimento à comunidade e à escola. Não é apenas um desfile ou uma fantasia. Trata-se de uma narrativa que envolve representatividade e coletividade, um evento feito pela e para a comunidade e que se vale da afetividade e do engajamento de todos para acontecer. É no barracão, na quadra e na rua que os sujeitos-fãs de carnaval e fãs das escolas que escolheram, constroem suas identidades sociais a partir de suas experiências individuais e coletivas. “Identidade é um processo em constante movimento, o que faz com que o indivíduo reconheça a si mesmo como parte de uma identidade coletiva, estabelecendo uma relação essencial entre ele e seu grupo” (Bertagnolli, 2015, p. 48).

Outra fala que evidencia a importância da comunidade para o desfile, mas sob a ótica de uma figura de liderança e gestão na Viradouro, é a do mestre de bateria Moacir da Silva Pinto, conhecido como Mestre Ciça. Em 2024, no episódio de número 58 do programa “SambaPod”, Ciça destacou como a organização e a estrutura que a agremiação proporciona para os componentes é fundamental para o engajamento e manutenção dos integrantes da bateria. Segundo o ritmista, a Viradouro entende que os componentes vão ali por uma questão de identificação, mas permanecem ao terem seu valor reconhecido.

Essa fala passa pelo entendimento de Ciça de que há uma cobrança por parte da escola nos ensaios para se manterem em uma posição de destaque e competitividade no Carnaval. Ciça destaca que sua posição como mestre de bateria prevê o cuidado da sua equipe e a garantia de dignidade e proteção desse coletivo. Assim, os membros que atuam na sua bateria percebem a importância da sua atuação pela valorização que é retroalimentada pelo desempenho que conquistam.

Nesse recorte de entrevistas podemos constatar a importância da comunidade como algo indissociável para a realização do desfile. A percepção dos componentes sobre a influência da comunidade na execução do desfile nos parece ser um indicativo de que a

percepção da importância do engajamento comunitário é algo que parte internamente da agremiação também. Os componentes entendem que a sua presença engajada é o que faz o carnaval acontecer.

Ressaltamos, no entanto, o perigo de não cairmos na falácia de que esse recorte necessariamente se aplica a toda a comunidade ou mesmo ao universo de todas as agremiações. Mas o senso de coletividade da Viradouro é um dos destaques da agremiação que se materializa em quesitos avaliativos do Carnaval como bateria, evolução e harmonia que lidam, respectivamente, com aspectos sonoros, performáticos e a combinação desses dois[7].

Apesar dessa importância constatada da coletividade, a disparidade de reconhecimento das figuras envolvidas na festa e a construção hierárquica reforça os questionamentos do caráter popular do desfile. Por mais que a construção da agremiação se proponha explicitamente a apresentar um enredo que resgata e coloca em evidência personagens da cultura popular e do chamado Brasil profundo, a construção intelectual sendo creditada a um seleto grupo de pessoas é algo que nos parece necessário questionar.

Se entendemos que o enredo só se materializa com a execução na avenida, nos parece importante reconhecer o papel de construção intelectual dos que fazem essa execução acontecer. Por mais que o recorte temático, a pesquisa e a elaboração conceitual dos elementos plásticos partam de um grupo seleto, a transmissão informacional da proposta passa pelos componentes que, por sua vez, precisam estar em sintonia com a temática para executar seu papel no desfile.

5 RESULTADOS E CONCLUSÃO

A partir das definições apresentadas neste trabalho, entendemos o sujeito que se relaciona com a agremiação enquanto um fã. Assumindo este papel, o fã apresenta determinadas características e práticas desenvolvidas no espaço de convivência da comunidade.

A afetividade e o comportamento colaborativo impulsionam o sujeito a participar dos eventos da quadra, dos ensaios de rua e de dispor de tempo e energia para fazer o desfile se concretizar na avenida. Dessa forma, o fã desenvolve as produtividades discutidas aqui a partir

[7] O quesito harmonia, segundo o Manual do Julgador da LIESA, avalia o entrosamento entre ritmo do desfile e canto dos componentes.

da perspectiva de Fiske, não somente extraindo sentido do consumo/vivência da/na agremiação, mas usando desta extração de significado para moldar e desenvolver sua identidade social.

A partir destas práticas, o sujeito pode identificar-se como pertencente ao grupo social escolhido, pois, afinal de contas, somos animais sociais. As práticas colaborativas e participativas experienciadas pelo sujeito no contexto da escola de samba, extrapolam os limites da Marquês de Sapucaí e invadem a realidade e contexto social dos indivíduos, que levam assim a sua identidade carnavalesca por aí.

À luz das discussões apresentadas ao longo deste trabalho, buscamos compreender os enredos das escolas de samba como artefatos culturais e documentais cuja existência ultrapassa a formulação abstrata de uma narrativa carnavalesca. Ao serem concebidos, planejados, executados e performados coletivamente, os enredos mobilizam saberes, afetos, memórias e práticas sociais que se materializam não apenas nos textos oficiais produzidos pelas agremiações, mas também nos corpos, nas vozes, nos gestos, nos ensaios, nas fantasias, nos carros alegóricos e nas experiências compartilhadas pelos componentes.

Reconhecer os enredos como documentos implica reconhecer que as escolas de samba produzem conhecimento — um conhecimento comunitário, situado, performativo e profundamente vinculado a experiências históricas subalternizadas. Trata-se de uma epistemologia que, embora ainda pouco explorada pela Ciência da Informação, tem grande potencial para ampliar o entendimento dos modos de produzir e organizar saberes em contextos populares.

Nesse sentido, ao aproximarmos a perspectiva neodocumentalista dos estudos de cultura participativa e dos estudos de fãs, foi possível observar que a construção do enredo não se restringe às figuras formalmente reconhecidas como autoras do desfile, como carnavalescos, enredistas e diretores. Embora esses agentes ocupem posições fundamentais na concepção e na organização da narrativa, a materialização do enredo depende de uma rede ampliada de sujeitos que participam, interpretam, ensaiam, produzem, vestem e performam aquilo que a escola propõe levar para a avenida.

A análise do enredo “Malunguinho – O mensageiro de três mundos”, evidencia que os componentes não atuam apenas como executores de uma ideia previamente definida. Pelo contrário, eles colaboram para a concretização simbólica e informacional do enredo ao se apropriarem de seus sentidos, ao incorporarem suas narrativas e ao compartilharem suas

interpretações no cotidiano da escola, nos ensaios, na quadra, nas redes e no próprio desfile. Assim, o componente pode ser compreendido como um fã da agremiação e do universo carnavalesco, movido por vínculos de afeto, pertencimento e colaboração.

Ao frequentarem os ensaios, aprenderem o samba, discutirem o tema, vestirem a fantasia e performarem a narrativa na avenida, esses sujeitos participam da produção de sentidos em torno do enredo e contribuem para a circulação de uma memória social vinculada à agremiação.

Contudo, é importante ressaltar que reconhecer a potência afetiva e colaborativa dessa participação não significa romantizar as condições em que ela ocorre. Como discutido no trabalho, o carnaval das escolas de samba é atravessado por desigualdades, hierarquias e assimetrias de reconhecimento. A valorização dos componentes como sujeitos-fãs e como agentes da construção do enredo exige também atenção às condições materiais, simbólicas e institucionais que possibilitam ou limitam sua participação. Nesse ponto, a experiência da Viradouro indica avanços relevantes na escuta e na valorização comunitária, mas também aponta para a necessidade de investigações mais amplas sobre outras agremiações e contextos.

Dessa forma, o trabalho contribui para ampliar a compreensão dos enredos como objetos de interesse para a Ciência da Informação, especialmente ao evidenciar sua dimensão documental, participativa e comunitária. Também aponta para a necessidade de aprofundar os diálogos entre estudos de fãs, cultura popular e documentação, reconhecendo que práticas culturais como o carnaval produzem formas próprias de organização, circulação e apropriação de conhecimento.

REFERÊNCIAS

BERTAGNOLLI, G. B. L. Processos de construção de identidades regionais: cultura imaterial, identidade e desenvolvimento. **Perspectiva**, Erechim, v. 39, n. 148, p. 47-54, dez 2015. Disponível em: https://uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/148_532.pdf#page=5.76. Acesso em: 22 maio 2026.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science,** [*s. l.*], v. 42, n. 5, p. 351-360, jun. 1991. Disponível em: https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(199106)42:5<351::AID-ASI5>3.0.CO;2-3. Acesso em: 29 maio 2026.

CARNEIRO, G. B. **A identidade do fandom:** produção de fanfictions sobre a boyband One Direction. Trabalho de Conclusão de Curso (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

FÃ. *In*: MICHAELIS DICIONÁRIO Escolar Língua Portuguesa. Brasil: Melhoramentos, 2024.

FISKE, J. The cultural economy of fandom. *In*: L. A. Lewis (ed.), **The adoring audience**. Londres, Inglaterra: Routledge. 1992. p. 30-49.

FROHMANN, B. **Deflating information**: from science studies to documentation. Toronto; Buffalo: University of Toronto Press, 2004.

FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2006, Marília. **Anais** [...]. Marília: ANCIB, 2006. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/176667. Acesso em: 5 nov. 2025.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986 p.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência.** 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009. 428 pp.

LIESA. **Livro Abre-Alas 2025**. Rio de Janeiro: LIESA, 2025a. Disponível em: https://liesa.globo.com/carnaval/livro-abre-alas.html. Acesso em: 5 nov. 2025.

LIESA. **Manual do Julgador**. Rio de Janeiro: LIESA, 2025b. Disponível em: https://liesa.org.br/downloads/carnaval/Manual-do-Julgador-Carnaval-2025.pdf. Acesso em: 5 nov. 2025.

MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf. Acesso em: 27 dez. 2025.

MIZUMOTO, L.; PRET, R. L. Os enredos das escolas de samba como produção documental decolonial. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 26., 2025, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. São Paulo: ANCIB, 2025. Disponível em: https://enancib.emnuvens.com.br/enancib/pt_BR/article/view/1912. Acesso em: 27 dez. 2025.

MUSSA, A.; SIMAS, L. **Samba de enredo**: história e arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

NORA, P. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, p.7-28, 1993. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763. Acesso em: 6. set. 2025.

OLIVEIRA, C. F. de. A cultura de fãs e fandom como perspectiva das práticas participativas de consumo de mídia. *In*: BULHÕES, M.; MORAIS, O. J. **Ciências da Comunicação:** Circularidades Teóricas e Práticas Acadêmicas. Sarapuí: OJM, 2015, p. 630-655.

POUBEL, S. M.; JUVÊNCIO, C. H. Fandoms and collecting. **Informatio**, Montevidéu, v. 30, n. 1, e215, 2025. Disponível em: https://informatio.fic.edu.uy/index.php/informatio/article/view/511. Acesso em: 6. set. 2025.

RADICETTI, G. O coração pulsante da Viradouro: a comunidade que move o Carnaval. **Carnavalesco**, 3 mar. 2025. Disponível em: https://carnavalesco.com.br/o-coracao-pulsante-da-viradouro-a-comunidade-que-move-o-carnaval/. Acesso em: 24 abr. 2026.

ROMÃO, G. A força de Malunguinho: comunidade da Viradouro exalta o enredo que reivindica as raízes quilombolas e indígenas. **Carnavalesco**, 3 mar. 2025. Disponível em: https://carnavalesco.com.br/a-forca-de-malunguinho-comunidade-da-viradouro-exalta-o-enredo-que-reivindica-as-raizes-quilombolas-e-indigenas/. Acesso em: 24 abr. 2026.

SILVA, F. M. da. **O samba enquanto patrimônio**: Escola de Samba Acadêmicos de São Cristóvão: identidade, memórias e saberes da comunidade verde e rosa. Ouro preto, MG, 2022 Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) - Universidade Federal de Ouro Preto. Disponível em: https://monografias.ufop.br/bitstream/35400000/4938/6/MONOGRAFIA_SambaPatrim%c3%b4nioEscola.pdf#page=16.08. Acesso em: 12 maio 2026.

SIMAS, L. A. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SIMAS, L. A.; FABATO, F. **Para tudo começar na quinta-feira**: o enredo dos enredos. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2015.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.